

RESUMO - COM COMUNICAÇÃO ONLINE - GT 01: BÍBLIA, ARQUEOLOGIA
E RELIGIÃO

**QUANDO DEUS FALA POR SÍMBOLOS: POR UMA EPISTEMOLOGIA
CANÔNICA DA REVELAÇÃO SIMBÓLICA NA LITERATURA PROFÉTICA**

Adriano Cardoso Cicilio (adrianoc.cicilio@hotmail.com)

A interpretação dos símbolos do Apocalipse de João permanece um dos problemas metodológicos mais persistentes da hermenêutica bíblica. As leituras

divergem não apenas nas conclusões, mas sobretudo nos critérios, pois raramente se

oferece uma justificativa derivada do próprio cânon para determinar quando e por que

o conteúdo revelado deve ser lido simbolicamente. Esta comunicação apresenta

resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em Teologia que investiga se a

literatura profética bíblica constrói internamente uma epistemologia da revelação simbólica, isto é, uma lógica que relaciona o modo da comunicação divina à natureza do conteúdo comunicado.

A hipótese de trabalho sustenta que, quando Deus comunica realidades não acessíveis à observação humana direta, como eventos escatológicos, realidades celestes e decretos de alcance universal, os textos tendem a

apresentar uma constelação recorrente de elementos: estado alterado do receptor, manifestação extraordinária de mensageiros celestiais, linguagem simbólica e presença de um anjo intérprete. A pesquisa toma Números 12:6, 8 como linha de base canônica, Daniel e Ezequiel como corpus primário e o Apocalipse como texto de chegada, no qual o verbo $\sigma\mu\alpha$ (Ap 1:1) é examinado como possível marcador programático dessa herança. Metodologicamente, o trabalho combina a exegese do texto hebraico e grego com a análise intertextual, segundo os critérios de Richard Hays e as orientações de Gregory Beale para o uso do Antigo Testamento no Novo. Para evitar circularidade, o corpus foi delimitado por critérios temáticos, intertextuais e comparativos definidos antes da análise, e os resultados são formulados como tendências textuais, não como leis semânticas.

Os resultados obtidos até aqui apontam três conclusões provisórias. Primeiro, Números 12:6, 8 não impõe o simbolismo como regra, mas estabelece uma tipologia canônica dos modos de revelação, contrastando visão, sonho e enigmas ($\dot{\text{v}}$) com a comunicação "boca a boca" concedida a Moisés. Segundo, Daniel 8 e 9 funcionam como um único complexo revelatório: a autoidentificação de Gabriel em 9:21 remete a 8:16, a ordem de entender a visão (mar'eh) em 9:23 retoma aquilo que ficara sem explicação em 8:26, 27, e o verbo atak em 9:24, na leitura proposta por William Shea, sugere que as setenta semanas são recortadas do período maior de 8:14. Terceiro, a prosa de Daniel 11 pode ser lida como fase explicativa do complexo anunciado em 10:14, e não como contraexemplo ao padrão. Esses dados sustentam, de forma preliminar, a correlação proposta e indicam critérios hermenêuticos internos ao próprio cânon, que ainda serão testados na análise de Ezequiel e do Apocalipse.

Palavras-chave: revelação simbólica; hermenêutica bíblica; literatura profética; daniel; apocalipse de joão.